

## O desenterro dos matacões

texto e foto LIANA JOHN

Seixos rolados na correnteza de rios gradualmente se tornam arredondados, desgastados por raspar na areia do fundo ou bater uns de encontro aos outros. Ao cair na água, no alto curso dos rios, os seixos são cheios de retas e ângulos, mas quando emergem, lá na foz, estão redondos e lisos. Este é um processo fácil de entender, quando imaginamos o leito do rio funcionando como uma grande lixa de polir pedras.

Mas existe outro processo – bem mais lento e mais difícil de visualizar – que ocorre dentro do solo, ao longo de centenas de milhões de anos. O resultado é parecido: ao final, as pedras emergem arredondadas. Porém trata-se de uma 'lixa' bem diferente e de pedras bem maiores, que são desenterradas pela erosão do solo à sua volta. Como se diz tecnicamente, trata-se de um relevo exumado.

Conhecidas como matacões, as pedras são arredondadas por desgaste químico e não físico. Em geral, as que ficam mais esféricas são pedaços de rochas duras e muito antigas, de origem vulcânica

– basalto, granito, gabro, sienito. As mais achatadas, que assumem formas elípticas, em geral são rochas metamórficas, como os gnaisses. Para ser chamada de matacão, uma rocha desse tipo deve ter pelo menos 25 centímetros de diâmetro. Daí para cima, até vários metros de diâmetro (e muitas toneladas).

Todas essas rochas são arredondadas por descamação, como se fossem grandes cebolas de núcleo redondo, perdendo aos poucos as sucessivas camadas de cascas onde estão as arestas. E o processo acontece integralmente dentro da terra: ao serem expostos pelas chuvas que carregam os sedimentos à sua volta, os matacões já estão arredondados.

No Brasil, um dos campos de matacões desenterrados fácil de avistar fica às margens da rodovia D. Pedro I (foto), no distrito de Joaquim Egídio, em Campinas (SP). Relevos semelhantes também podem ser observados nos municípios de Bodocó, Granito e Exu (PE) e nas proximidades da Chapada do Araripe (CE).

